



ANO I NÚMERO 3

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Dia Mundial do Turismo

27 de setembro de 2010

www.sescsp.org.br

SESCSP

Turismo e sociobiodiversidade { REPORTAGEM: Experiências de turismo sustentável mostram como a atividade pode ser transformadora para todas as partes envolvidas { LUGAR: No litoral de São Paulo, comunidade quilombola de Mandira explora o turismo com sabedoria { INTERVENÇÃO: Araquém Alcântara fotografa santuários ecológicos { ARTIGO: Moacyr Scliar fala do fascínio do homem pela viagem

índice }

p.5

artigo SESC

Atividade turística deve ser pensada em sua totalidade, articulando as dimensões ambientais, humanas, sociais, culturais e econômicas

p.8

reportagem especial

A experiência de viagem no turismo sustentável não se encerra no aeroporto, perdura na transformação de mentes e comunidades

p.18

intervenção

O fotógrafo Araquém Alcântara registrou como ninguém a riqueza de santuários ecológicos do país

p.21

notas

Economia do turismo em São Paulo avançou quase 30% no semestre

p.22

entrevista

Marta Irving, pesquisadora e professora da UFRJ, diz que a qualidade do turismo no Brasil é pouco discutida

p.26

lugar

Comunidade quilombola de Mandira, no litoral sul de São Paulo, incentiva o turismo sustentável

p.32

artigo

O escritor Moacyr Scliar revisita o fascínio das narrativas de viagem

p.8



Flavita Valsani

p.32



p.22



Marco Fernandes - CoordCOM/UFRJ

Araquém Alcântara

p.18



Expediente

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

COMUNICAÇÃO SOCIAL: Ivan Paulo
Giannini TÉCNICO-SOCIAL: Joel
Naimayer Padula ADMINISTRAÇÃO:
Luiz Deoclécio Massaro
GALINA ASSESSORIA TÉCNICA E
DE PLANEJAMENTO: Sérgio José
Battistelli

Cadernos SESC de Cidadania Dia Mundial do Turismo 2010

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: Hélcio
Magalhães ASSISTENTES: Karina
Musumeci, Marilu Donadelli
e Ubiratan Rezende GERÊNCIA
DE PROGRAMAS SOCIOEDUCATIVOS:
Maria Alice Oieno de Oliveira
Nassif ADJUNTO: Flávia Roberta
Costa ASSISTENTES: Denise Miréle
Kieling, Leila Yuri Ichikawa e Sílvia
Eri Hirao GERÊNCIA DE RELAÇÕES
COM O PÚBLICO: Paulo Ricardo
Martin ADJUNTO: Carlos Rodolpho
T. Cabral ASSISTENTE: Malú
Maia GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO
ADMINISTRATIVA: Antonio Carlos
Cardoso Sobrinho ADJUNTO: Elvira
de Fátima P. Troiano

EDIÇÃO DE CONTEÚDO E REDAÇÃO:
Renato Essenfelder PROJETO
GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE: Marcio
Freitas TRATAMENTO DE IMAGEM:
Gilmara Ruas

A Revista Cadernos SESC de
Cidadania é uma publicação do
SESC São Paulo.
Distribuição gratuita. Nenhuma
pessoa está autorizada a vender
anúncios.

Versão on line em www.sescsp.org.br

Gerência de Artes Gráficas
geatg@sescsp.org.br
Telefone 11 2607-8255

SESCSP
www.sescsp.org.br

MARTA IRVING, PESQUISADORA DO EICOS (PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL) E DO INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DA UFRJ

“Ainda se discute muito o número de turistas e pouco a qualidade do turismo”

texto: Carina Flosi

“Se o brasileiro não conhece o próprio país, como ele vai ter sensibilidade para querer um país diferente?”. É com esse questionamento que Marta de Azevedo Irving, especialista em desenvolvimento vinculado às relações sociedade-natureza, inclusão social e governança democrática, apresenta, nesta entrevista, sua avaliação de que, no Brasil, o conceito de turismo sustentável já está bem difundido, mas ainda no plano do discurso.

Para ela, essa noção ainda não é aplicada em políticas públicas, e a população ainda não incorporou a necessidade de promover e participar de um turismo nacional sustentável. No entanto, a professora do

Marco Fernandes/CoordCOM-UFRJ



A professora Marta Irving no Rio de Janeiro



Programa Eicos (Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), na UFRJ, diz estar otimista, pois enxerga muito potencial em “ações isoladas”.

Ela aponta, a seguir, caminhos e oportunidades para o desenvolvimento do turismo sustentável e responsável no Brasil.

SESC Em sua opinião, o turismo, para ser sustentável, tem de ter baixo impacto ambiental, ter base na demanda local e trazer benefícios para a população do entorno. Esse turismo já existe no Brasil?

MARTA IRVING O turismo, interpretado como a atividade econômica que mais cresce no mundo, passa gradualmente a incorporar novos olhares de planejamento como resultado de seu



A Gruta do Lago Azul, em Bonito (MS), é apontada como um exemplo de turismo sustentável – a entrada de visitantes na atração é controlada

potencial gerador de emprego e renda, aporte de benefícios econômicos, sociais e ambientais e mecanismo para inclusão e transformação social.

No entanto, de maneira geral, no Brasil as estatísticas do turismo e o discurso oficial frequentemente expressam concepções idealizadas dos benefícios possíveis gerados pelo desenvolvimento turístico e tendem a mascarar ou minimizar os impactos socioambientais e culturais decorrentes desse processo.

Para mim, promover e praticar turismo de base sustentável requer, sim, um novo olhar sobre os problemas sociais, a diversidade cultural e a dinâmica ambiental dos destinos. É preciso que o mercado esteja atento às peculiaridades locais e às especificidades dos destinos turísticos e não se preocupe apenas com o turismo de massa.

“ Praticar turismo de base sustentável requer um novo olhar sobre os problemas sociais, a diversidade cultural e a dinâmica ambiental dos destinos ”

A sustentabilidade no turismo depende de uma concepção estratégica e duradoura de desenvolvimento, apoiada na interpretação interdisciplinar e integral da dinâmica regional, resultado de uma sinergia mutante, apoiada na noção de espaço material e imaterial, lugar concreto e abstrato, cenário de interações, conflitos e transformações, ponto de contato simbólico entre local e global.

Quais as expectativas futuras para o desenvolvimento do turismo sustentável no Brasil?

Acredito que a diversidade biológica não se limita ao mundo das plantas e animais, inclui também a diversidade cultural humana. A diversidade de culturas se manifesta em diferentes línguas, religiões, arte, música, tipos de manejo da terra,

estruturas sociais, dieta e seleção de cultivos, entre outras coisas.

No Brasil, ainda não é possível mensurar os resultados dos projetos de turismo sustentável ou de base comunitária, pois ainda não há critérios ou uma padronização estabelecida. O que vemos são ações isoladas e alguns tipos de iniciativas inovadoras, mas ainda predomina o turismo massificado, de grande escala, dirigido somente ao mercado. Ainda se discute muito o número de turistas e pouco a qualidade do turismo. Temos, sim, alguns exemplos que ilustram modelos de desenvolvimento turístico de base comunitária, influenciando o processo político e a ocupação do território.

Você poderia citar um exemplo bem-sucedido de turismo de base comunitária?

Na região Nordeste, o exemplo da Prainha do Canto Verde (leia mais à pág. 31), no Estado do Ceará, merece destaque. O local é habitado por uma comunidade tradicionalmente pesqueira, historicamente envolvida em sérios conflitos fundiários pela posse da terra. A beleza natural da região, associada ao modelo dominante de turismo de sol e praia no Estado, acabou por atrair de maneira agressiva a especulação imobiliária, e, conseqüentemente, os riscos de confronto e exclusão das populações locais.

A ação de formadores de opinião, com o apoio de entidades não-governamentais, iniciou então um processo de sensibilização de lideranças e captação de recursos. Como resultado, atualmente existe na comunidade um Conselho de Turismo que delibera sobre as questões de interesse e uso coletivo da área para fins de turismo sustentável.

No entanto, nós ainda não sabemos exatamente o resultado concreto dessa e de tantas outras ações disseminadas pelo país. A gente

“O brasileiro ainda não tem consciência do Brasil como dele. No Sudeste, a gente fala da Amazônia como um Brasil distante. Por isso que enfatizo: no discurso até que estamos indo bem, mas a consciência ambiental ainda é muito pequena”

discute muito, mas falha na hora de aplicar e mensurar os resultados do que está acontecendo.

Por que isso acontece?

O grande problema é que nunca ninguém avaliou os retornos do que está sendo feito de maneira sistemática. Falta avaliação para que as lições sejam aprendidas. Embora os dados sejam animadores, a médio e longo prazos são também incapazes de demonstrar a fragilidade do processo e os ilimitados desafios a serem vencidos.

Enfim, é tudo muito complexo, pois as tendências são promissoras e apontam para a revitalização, o fortalecimento progressivo e a consolidação do ecoturismo no Brasil em função da prioridade governamental dada ao setor, de maneira geral, e também em resposta aos desdobramentos das discussões técnicas, acadêmicas e do setor privado. No entanto, o ecoturismo no Brasil representa uma possibilidade ainda não transformada em realidade.

Qual o potencial desse ecoturismo e quais benefícios ele poderia trazer ao país no futuro?

Não será uma solução mágica para os problemas econômicos que o país enfrenta, mas poderá representar uma oportunidade excepcional para a conservação de recursos naturais, para a mudança de comportamento do homem urbano diante da natureza, para o exercício democrático da cidadania e para a melhoria de qualidade de vida no país, sendo respeitados valores éticos.

É possível então dizer que a sociedade brasileira está mais consciente e já reconhece os espaços protegidos de biodiversidade como patrimônio público, ou ainda há um distanciamento muito grande nesse sentido?

Na parte dos articuladores e agentes do turismo, eu chamaria a

atenção para uma recente iniciativa do Ministério do Turismo que abriu edital para receber propostas de turismo de base comunitária. O resultado foi surpreendente: mais de 600 projetos. No entanto, apesar da grande demanda, eles se apresentaram sem articulação estratégica, sem linhas de fomento estruturadas.

Existe uma apropriação dos termos “turismo comunitário” e “turismo sustentável” que veio sem padrão, critérios e questionamentos do envolvimento local da população. Essa é uma demonstração fiel de como o turismo sustentável é visto e vivido hoje no Brasil. Hoje, se eu disser “nós queremos transformar o Brasil em uma experiência de sustentabilidade”, o que teremos nas mãos será muito pouco e muito disperso.

E como se dá a dinâmica entre turistas e setor privado nesse sentido? O brasileiro quer turismo sustentável, o mercado oferece opções?

O conhecimento ou está no âmbito da academia ou das gestões públicas, e o setor privado tem se preocupado mais em ganhar dinheiro com estatísticas do que com qualidade. Assim, quando falamos em conscientização da sociedade, o que notamos é uma pequena mudança de comportamento. Os pacotes ainda dominam claramente, e a viagem ainda é muito cara, só para as elites.

O brasileiro ainda não tem consciência do Brasil como dele. No Sudeste, a gente fala da Amazônia como um Brasil distante. Por isso que enfatizo: no discurso até que estamos indo bem, mas a consciência ambiental ainda é muito pequena e banal, ainda mais quando se fala em turismo.

Quais são os futuros caminhos para que sejam, enfim, estabelecidas ações concretas nesse sentido?

Acho que o esforço e a sensibilização da sociedade para o turismo

“Precisamos de muita vontade, de cabeças abertas para mudanças, de diferentes agentes sociais integrados, trabalhando em parceria para resolver e partilhar o turismo sustentável”

sustentável são essenciais para a construção de novos paradigmas de desenvolvimento turístico envolvendo, além da capacitação das comunidades locais, o investimento nas potencialidades de uma região e a discussão dos riscos e benefícios que o turismo pode trazer para um determinado destino. Além disso, temas relacionados à educação, cultura e formas de organização social devem sempre estar incorporados à discussão para que as comunidades de destino possam se organizar e se qualificar para a gestão do turismo.

Para concretizar os benefícios sociais faz-se necessário um olhar mais atento às questões da participação da população no planejamento, na implementação e no monitoramento da atividade. Enfim, para que a proteção sustentável aconteça, as pessoas têm de entender o valor dessas áreas como patrimônio.

Como fomentar esse entendimento?

O distanciamento entre o turista, o trade e a população local precisa acabar. Precisamos de muita vontade, de cabeças abertas para mudanças, de diferentes agentes sociais integrados, trabalhando em parceria para resolver e partilhar o turismo sustentável. Com essa estratégia, a percepção do turista e de seu papel na seleção de destinos social e ambientalmente desejáveis vai aumentar de forma surpreendente.

Somente essa abordagem exigirá do trade turístico uma nova postura que privilegia a competitividade, mas também as especificidades das escolhas do turista e a qualidade do destino como um ambiente hospitaleiro e acolhedor que favorece encontros, formação de vínculos entre desconhecidos ou reforço de vínculos entre conhecidos, um lugar onde as pessoas e os grupos humanos estão em contato, onde se descobrem, gerando diversificação e riqueza de valores. ■